

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**



de
José Luiz Ribeiro
F é das Cova *e*
Dona Morte

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

2003

Centro de Estudos Teatrais

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

Apresenta

de
José Luiz Ribeiro

**Zé das Cova e
Dona Morte**

Forum da Cultura
2003

No rasto das lendas populares, o teatro celebra traços da identidade latino-americana márcia falabella

Lenda, uma palavra tão leve que carrega o peso de tantas histórias, viajando por tempos e caminhos, próximos e longínquos. Essas narrativas de feitos imaginários são tomadas como reais e tornam-se um reflexo de um povo, tecendo os meandros de sua existência com a delicadeza e a contextura de uma renda, entrelaçando fios e traços da realidade e da fantasia. Alguns temas são recorrentes, sendo repetidos em relatos de diferentes e distantes culturas.

Na América Latina, muitas dessas lendas se misturam no encontro de identidades indígenas, negras e brancas, definindo o perfil de um continente de alma mestiça. É um universo tão rico que, inúmeras vezes, o teatro foi buscar nessas histórias a inspiração para colocar em cena um pouco dessa realidade, resgatando sua verdade, no revés desse imaginário, portador de uma sabedoria da ordem do popular.

Hoje, ao trazer para o palco do Forum da Cultura o espetáculo *Zé das Covas e D. Morte*, numa adaptação de José Luiz Ribeiro, o Divulgação retoma uma prática comum na trajetória do teatro latino-americano, não só por se inspirar numa narrativa popular, como já fez outras vezes, mas por ser esta *O Ferreiro e a Morte*. Esse jogo possível e instigante de releituras, adequações e distorções, colocando uma obra em sintonia com seu público e com seu tempo, fez com que surgissem na América Latina várias versões cênicas dessa lenda, a partir da história de um Ferreiro esperto que, com sua astúcia, burla o Céu, o Inferno e a Morte, contando com as três graças que lhe são concedidas por Jesus.

Levada ao picadeiro, numa montagem dos irmãos Podestá, nos primórdios do teatro rioplatense, no final do século XIX, conciliando a linguagem circense a um tema popular, apenas no século XX essa lenda é consagrada pelo teatro latino-americano. Em sua celebração cênica, destacam-se as obras *O Ferreiro e o Diabo*, do argentino Juan Carlos Gené, *À Direita de Deus Pai*, do colombiano Enrique Buenaventura e *O Ferreiro e a Morte*, dos uruguaios, Mercedes Rein e Jorge Curi.

A versão de Juan Carlos Gené, nome de destaque no teatro portenho, que estreou em Buenos Aires, em 1955, é inspirada no

capítulo XXI de Don Segundo Sombra, obra do escritor argentino Ricardo Güiraldes, de 1926. Gené articula a inspiração folclórica a acontecimentos históricos e locais, retrabalhando as aventuras de um velho astuto, Miséria, representante da identidade gauchesca, que, tendo recebido três graças divinas, negocia com o Diabo sua alma, em troca de vinte anos de juventude e dinheiro, enganando o Satanás na hora do acerto final. Sem lugar no Paraíso, no Purgatório ou no Inferno, onde não o querem como sócio, Miséria se revela como um valor essencialmente mundano. Seu triunfo se converte na projeção do imaginário popular, como forma de resistência às injustiças e ao abuso de poder.

Enrique Buenaventura que, à frente do TEC - Teatro Experimental de Cali, marca a prática teatral latino-americana através de suas criações coletivas, escreve À Direita de Deus Pai, em 1958, a partir de um conto homônimo, do escritor colombiano Tomás Carrasquilla, em cima da lenda popular de O Ferreiro e a Morte. A peça, um clássico do Novo Teatro colombiano, alcançou cinco versões diferentes, no período de 58 a 84, em atualizações realizadas pelo próprio TEC, sendo a montagem que permaneceu por mais tempo no repertório do grupo.

A peça de Mercedes Rein e Jorge Curi nasce da lenda crioula, resgatando temas da literatura e do folclore rioplatense, percorrendo o caminho já trilhado por Gené. Sua estréia acontece em 1981, numa montagem do Teatro Circular. Na última cena, ao driblar a Morte, o personagem Miséria diz que "enquanto há vida, há esperança". Uma fala que refletia toda a angústia de um povo massacrado pela ditadura e suas torturas, mas que seguia com essa expectativa de resgatar a liberdade e a democracia perdidas. Uma experiência reveladora do poder do teatro, enquanto força de conscientização, pois, num tempo em que não se podia dizer, o teatro mostrava a luz desse silêncio.

A partir dessas três obras, muitas montagens foram realizadas em toda a América Latina. No Brasil, nos últimos anos, alguns grupos se aventuraram por esse universo popular. Entre eles, o grupo Oigalê, de Porto Alegre, que fez sua própria adaptação do livro de Güiraldes com o espetáculo de rua Deus e o Diabo na terra da Miséria, de 1999, e o mambembe Viramundos, de Passo Fundo, que montou O Ferreiro e a Morte, em 2000. E, agora, o Divulgação também encontra nessa trama a possibilidade de traçar um paralelo com a sua realidade, numa leitura própria, celebrando os valores de sua cultura, perpetuando a identidade de sua gente.

A dramaturgia da aldeia marise mendes

O que dizer ao público? O que dizer a nós mesmos, o que nos inquieta? São sempre estes os pontos de partida para se montar um espetáculo. Talvez não seja o compromisso de todos os espetáculos, mas para um grupo de 37 anos, que construiu sua história através de um trabalho ideológico, o momento interfere na escolha de um texto, na discussão que o teatro realiza com a sociedade.

Foi assim que, desde o início, o Grupo Divulgação espelhou a realidade, tendo que enfrentar, inclusive, a censura. Em 1969, a peça Diário de um louco refletia a repressão imposta ao teatro, tendo o protagonista que calar algumas de suas falas, cortadas pelos censores, utilizando o recurso de tapar a boca com um lenço. E o público entendia o motivo do silêncio.

As questões sociais foram mescladas à busca de construção de um repertório, passando por grandes textos da dramaturgia universal e nacional. Entretanto, em alguns momentos a realidade próxima reclamava mais atenção, e o grupo passou a contar com a criação de textos mais direcionados, que refletissem as inquietações da aldeia.

Com a chamada dramaturgia de emergência, o autor José Luiz Ribeiro tenta conciliar as aspirações do grupo com sua proposta artística. Seu primeiro texto é Mas que papel, seu bacharel, de 1979, uma adaptação da peça medieval A farsa do mestre Patélin, ironizando os abusos da justiça.

Girança, que recebeu, em 1986, prêmio como melhor texto nacional inédito no Festival de Teatro Amador de São José do Rio Preto, traz a história do êxodo rural na época na crise do café, mostrando, pela perspectiva do universo infantil, a adaptação do homem do campo à realidade juizforana de então.

No mesmo ano, um fato acontecido em Brasília, o estupro da filha de um deputado, inspira a peça Grito mudo, que, além de refletir sobre a violência contra a mulher, encontrava na dramaturgia de Bertold Brecht uma aliança para um teatro

transformador.

1988. O centenário da abolição da escravatura foi comemorado com a peça Canga, na qual o grupo revisava todas as espécies de escravidão, desde o homem pré-histórico, passando pelos índios e negros brasileiros, até as formas mais disfarçadas da atualidade.

Com a poupança confiscada pelo governo Collor, o Divulgação encenou a peça Era sempre primeiro de abril, que narra a criação de um político boneco, D. Ferrando I, manipulado por homens de comunicação. Sucesso de público, pela proximidade do tema com os dramas vividos pelos espectadores, a peça ficou quase um ano em cartaz.

A convivência com a terceira idade, através de projetos de extensão, e o descaso com os idosos inspiraram A escada de Jacó, de 1995. Enfocando a solidão, a peça falava sobre cinco velhos e as histórias de traições que sofreram, tendo recebido o troféu do júri popular no Festival de São José do Rio Preto. Mais uma vez, o sucesso de público prolongou a temporada por um ano.

A política volta à cena no Fórum da Cultura. O ano é 1998, reeleição de Fernando Henrique Cardoso. Na pele de D. Ferrando II, a trajetória do ex-presidente é narrada, desvelando o paradoxo entre sua história política e o governo de uma Nação.

A situação vivenciada pelo Brasil nos oito anos de governo FHC servem de pano de fundo a um novo sucesso do Divulgação. Com mais uma temporada prolongada, em 2002, Botanágua explicitava a decadência sofrida pela classe média, especialmente por uma parcela desta população, os aposentados.

Preconizando acontecimentos futuros, A trupe da Paz, inspirada na peça A Paz, de Aristófanés, relata o caos dos tempos de guerra, salientando a quem servem esses conflitos.

Agora, a peça Zé das Covas e dona Morte vem desvelar a indigência da classe pobre. Os descamisados de Era sempre primeiro de abril retornam na Vila dos Pobres, dependentes de toda sorte de bolsas oferecidas pelos governos, explicitando o assistencialismo a que o povo está submetido, e que, muitas vezes, gera conformismo e acomodação. Com muito humor, marca registrada do grupo, aliado à crítica social, a peça discute e repensa a vida do povo brasileiro.

As maravilhas do Divino

José Luiz Ribeiro

Nélson Rodrigues afirmava que há momentos inexoráveis que pousa sobre o homem uma necessidade do divino. Mesmo numa sociedade de alta tecnologia o sagrado cria manifestações para alimentar as fissuras que, coladas pelo sagrado, retemperam e confortam a alma humana.

O milagre, como gênero teatral, surge no teatro medieval e tem sua grande manifestação pública entre os séculos XI e XIV. Contrapondo-se aos Mistérios que tratavam da Divindade de Cristo, o Milagre humaniza o sagrado pela intervenção do divino no cotidiano do pecador.

Existe uma longa tradição de dramaturgia que toma como tema a salvação do herói pela intervenção divina. A clássica aparição das divindades gregas, através do deus-ex-maquinae, que descia do Olimpo para salvar o herói e o autor, pois, quando não há o que se fazer diante da peripécia, o dramaturgo usa deste artifício para surpreender o público e

resolver a trama.

Com as intervenções da Virgem para salvar o pecador dos castigos da vida eterna, os protagonistas tiveram advogados e negociaram com as figuras da Morte, do Diabo e com outras forças ameaçadoras.

No Brasil, através da literatura oral e, depois nos cordéis circulam várias versões do debate entre o homem pecador e a ameaça da morte. O Auto da Compadecida, obra clássica de Ariano Suassuna, é o mais bem sucedido milagre da dramaturgia brasileira. O encontro de Jesus com o ferreiro foi o ponto de partida para uma série de versões teatrais intituladas O Ferreiro e a Morte. Este conto, difundido por toda a América, serviu de base para Zé das Cova e Dona Morte.

Contar um conto é sempre aumentar um ponto. O teatro sempre foi um veículo de atualização de conflitos humanos. Todos os grandes autores beberam em fontes populares para criar obras que continuam a se organizar como viga mestra da humanidade. Ver e se reconhecer numa obra representada é a grande força do prazer teatral.

A cultura brasileira, em especial a nordestina, foi alimentada pela tradição ibérica. Os heróis picarescos mantiveram a tradição de negociar com poderosos, como o Rei, o Satanás e a Morte.

São expedientes simples que dão um grande sabor às suas peripécias e deliciam o público humilde das feiras que guardam procedimentos ancestrais. Zé das Cova, é primo de João Grilo e de outros heróis espertalhões e afilhado dileto de N. Sr. Jesus Cristo que atribui ao coveiro os três dons pela sua bondade.

Grupo Divulgação: Eterna memória

Fernanda Bastos

Falar sobre o Grupo Divulgação é como contar um pouco da história de inúmeras vidas que, como eu, cresceram alimentadas pela magia do teatro. Imagens de brilho, formas dançantes, encontro de risos e música de aplausos voltam em instantes de memória, mostrando que o sonho ainda é presente. E a vontade de pertencer a esse mundo - que já me era tão próximo - foi crescendo e tomando ares de coragem, até tornar-se realidade.

Meu recente reencontro com o Divulgação, antes de me tornar mais uma integrante, se deu em Girança. Um espetáculo que era pura poesia encarnada por personagens encantadoras - misto de inocência, infância e nostalgia. Nada havia me tocado tanto. Emociono-me ao lembrar daquele 'aceno' final: cinco mãos que se despediam - indicando que o espetáculo acabara - mas que me convidavam a ficar. Assim, fui transportada para esse espaço sagrado do palco, criando outras vidas, explorando novos mundos, vivendo novas histórias.

Hoje, me orgulho de ser parte desse aprendizado diário que é o Grupo Divulgação - uma constante troca de experiências, de emoções e de amizade. Nesse espaço, muitas pessoas, com suas semelhanças e diferenças, se cruzam e, independente do tempo em que permaneçam juntas, abraçam o teatro como um ideal e descobrem nele a possibilidade de gritar diante do caos social, de levar risos e lágrimas ao espectador, de direcionar caminhos, semeando cultura e esperança.

Autores consagrados são apresentados ao público, através de variadas tramas e personagens: Shakespeare, Sófocles, Lorca, Ionesco, Molière, Camus, Goldoni, Pirandello, Tchekhov, Goethe, Oswald de Andrade, Néelson Rodrigues, Jorge de Andrade... Tantos nomes, tantas peças que foram, de temporada em temporada, entre comédias e dramas, definindo a cara do Divulgação. É um abrir e fechar de cortinas que, a cada espetáculo, conquista novos adeptos.

Cada coração tocado é uma vida modificada. Enquanto assim o for, estaremos sempre renascendo através dos olhares atentos, dos sorrisos incontidos, dos sonoros aplausos, ficando para sempre imortalizados na memória.

Grupo Divulgação: encontro de amor e respeito ao teatro, jogo de emoções, lugar onde se vive a plenitude da existência.

Grupo Divulgação

A trajetória do Grupo Divulgação ao longo desses trinta e sete anos de existência ininterrupta pode ser comparada a uma luta quixotesca por um ideal: a utopia da cidadania e da educação assistemática tendo por base o esteio da cultura.

Por isso pode ser comparada a uma trincheira de resistência que vem enfrentando desde a opressão da censura política, já em seu início em 67, até os mais refinados métodos de pressão econômica .

Mudam os tempos, muda a máscara dessa resistência. Mas o ideal é preservado. O fato de ter nascido dentro do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia e Letras comprometeu-o decisivamente com a educação e com a qualidade dramática. O fato de ter entre seus primeiros membros estudantes de jornalismo e Direito o fez guardião da cidadania.

Ao longo dessa trilha, o Divulgação montou palcos

onde não havia nada, saiu às ruas para levar teatro aos bairros, freqüentou palcos de toda a Minas Gerais e muitos do Brasil, navegou o Rio São Francisco na Barca da Cultura do Quixote

Mor, Paschoal Carlos Magno, e embrenhou-se pelo sertão nordestino. Nos últimos vinte anos, porém, tem se dedicado, sistemática e prioritariamente, a franquear as portas do teatro para camadas populares.

Escolas e comunidades carentes têm em seus espetáculos um primeiro diálogo com a cultura. Uma recente pesquisa em escolas juizforanas mostrou que estudantes que não eram capazes de dizer o que já tinham lido, sabiam, perfeitamente falar sobre o espetáculo a que tinham assistido. E era espetáculo do Grupo Divulgação.

Seus cursos e oficinas voltam-se para a formação de público e para a experiência dramática. A cultura brasileira é pesquisada e estudada e dividida a cada espetáculo. Adolescentes, estudantes universitários e cidadãos da terceira idade têm subido ao palco pela primeira vez em espetáculos saídos desses cursos, regularmente oferecidos. É a aventura instigante de repartir o pão.

O público fala sobre o Divulgação

“Um grupo que se preocupa em transmitir valores e cultura para crianças e adultos”.

Lígia de Souza Scotelano, professora

“Admiro muito a dedicação e perseverança e conservar o que tem valor para os jovens”.

Maísa Abranches, funcionária pública federal

“Divulgação é o baluarte da cultura na cidade e popularização”.

Léa dos Santos Leitão, pedagoga

“Excelente grupo, que cumpre com suas propostas através de muita disciplina e trabalho”.

Júlia Milward, estudante

“Dá oportunidade de pessoas de todas as classes conhecer teatro e sempre tem um bom espetáculo em cartaz”.

Moisés Albuquerque, servidor público

“É um grupo excelente e já é parte de nossa história. Vocês estão de parabéns”.

Ana Maria Pilati Gomes, agente de saúde

“O grupo veio para ficar, pois já conquistou um espaço pelo seu lindo desempenho, parabéns”.

André Luiz Rodrigues, auxiliar de enfermagem

“Sempre gostei de assistir os espetáculos. Acho um grupo que tem grande importância na cultura da cidade. É referência para outros trabalhos de teatro”.

Márcia Corrêa de Oliveira, professora

“Um grupo preocupado em democratizar o acesso à cultura a todas as camadas sociais. Sempre apresenta peças belas e emocionantes”.

Sandra Tolomelli, assistente social

“O Grupo Divulgação traz alegria e imaginação no mundo cibernético.”

Ana Helena Leitão, estudante

“É sem dúvida uma instituição de valor, que vence o descaso com a cultura neste país com criatividade e persistência”.

Vinicius La Rocca Vieira, médico

“Destaca-se pela qualidade dos espetáculos e pela proposta comunitária”

Paulo Buzan, psicólogo

“Acho o melhor teatro da cidade e sempre procuro assistir as peças tanto as de crianças quanto as de adulto. Gosto dos textos e dos figurinos”.

Mônica Gonzaga, empresária

“É um grupo muito sério e consciente. Engajado com a cultura e muito bem coordenado”.

Frederico Couto, dentista

Centro de Estudos Teatrais
GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

Zé das Cova e D. Morte

de José Luiz Ribeiro

Vizinhos

Aline Louise, Breno Fonseca, Fernanda Bastos, Geana Oliveira, Geovana Oliveira, Gustavo Burla, Júlio Andrade, Leandro Boscatto, Maria Elisa Duarte, Marise Mendes, Rafaela Reis, Roberta Faria, Tásia Souza, Thais Marques

Maria Indigência

Márcia Falabella

Zé das Covas

José Luiz

Comadre Fatinha

Fátima Amorim

Exercício Findo

Thiago Berzoini

São Pedro e Lacaio

Breno Fonseca

Jesus

Gustavo Burla

Brincantes

Aline Louise, Fernanda Bastos, Geana Oliveira, Geovana Oliveira, Júlio Andrade, Leandro Boscatto, Maria Elisa Duarte, Marise Mendes, Rafaela Reis, Roberta Faria, Tásia Souza, Thais Marques

Banqueiros

Júlio Andrade, Leandro Boscatto, Roberta Faria

Governador

Júlio Andrade

Dona Morte

Aline Louise

Ministras

Fernanda Bastos, Marise Mendes, Rafaela Reis

Besta Fera

Marise Mendes

Iluminotécnica

Thell Guerson

Sonotécnica

Suzana Sampaio e Josiane Silva

Música de abertura

Gustavo Burla

Cartaz

Augusto França

Figurino

Malu Ribeiro

Cenário, desenho de luz e

Direção

José Luiz Ribeiro

Apoio: Cristina Braga, Dalva Salazar, Daniele Guimarães,
Franciane Lúcia, Jacqueline Glauber, Josiane Silva, Leonardo Alvim, Marcos Araújo,
Marcos Cardoso, Paulo Morais e Virgínia Fonseca

GRUPO DIVULGAÇÃO ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
O homem do século XX
Antologia da mulher
Amor em verso e canção II
Nosso amor em verso e canção
Poemas operários
Poemineiros
Versos e Cantigas

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina
Coral Universitário
Belmiro, Murilo e Pedro Nava
Camões
A menina casadoira
Pic-nic no front
Sganarello
Lição de Molière
Farsa do Mestre Pathélin
Manuel, Bandeira do Brasil
Molière
A incelença
Minha sogra é da polícia
OH! A mulher!
Os Divertimentos do Rei
Sertaneja
A gata borralheira
Sassaricando
A pousada do Marreco Verde
A estranha história de Evlyn Roe
Canto por Federico
Viva o Zé Pereira
I love you Juju
A sapateira prodigiosa
Estação Esperança
Cantando Cecília
As meninas do experimental
Festa Brava
Lampião no Inferno
O auto do rei

João Cabral de Mello Neto
José Luiz Ribeiro (texto)
José Luiz Ribeiro (org.)
José Luiz Ribeiro (sel.)
Eugène Ionesco
Arrabal
Molière
José Luiz Ribeiro
Anônimo medieval
Malu Ribeiro (org.)
José Luiz Ribeiro
Luiz Marinho
Gastão Tojeiro
José Luiz Ribeiro
J. Eduardo Vendramini
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz e Malu Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Federico Garcia Lorca
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Altimar Pimentel
Tiago Santiago

TEATRO INFANTIL

A onça de asas
O circo de bonecos
História de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante
Girassinho
Putz, a menina que buscava o sol
A noite dos duendes
Bem do seu tamanho
Sonho Pirata
Passa, passa, assombração
D. Chicote Mula-Manca
O rouxinol do pescador
O caju encantado
Estórias pra boi dormir
O carteiro do rei
O dragão verde
O mistério das nove luas
A Chapeleira da Rua Azul
O patinho feio
Guairaká (II)
A Guerra dos legumes
Generosa@fada.com
O Rei de Quase-Tudo
O menino dos caracóis

Walmir Ayala
Oscar von Pfuhl
Ilo Krugli
Gabriela Rabelo
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
Sylvia Orthoff
Zuleika Mello
José Luiz Ribeiro
Maria Helena Kühner
José Luiz Ribeiro
Ana Maria Machado
Liliana Neves
José Luiz Ribeiro
Oscar von Pfuhl
José Luiz Ribeiro
Paula Schmidt
José Luiz Ribeiro
Tagore/José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
Ilo Krugli et alii
José Luiz Ribeiro
Ronaldo Boschi
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Tchekov
Bodas de Sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürrenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escorial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Netto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do inferno	Marcus Vinícius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade
Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr.Getúlio,sua vida e sua glória	Dias Gomes/F.Gullar
O jardim das cerejeiras	Tchekhov

Esta noite se improvisa
O inspetor geral
Fausto
Girança
A casa de Bernarda Alba
Grito mudo
As aventuras do tio Patinhas
A aurora da minha vida
Canga
O mercador de Veneza
O santo milagroso
Rasto atrás
Era sempre primeiro de abril
Todomundo
Édipo-Rei
O burguês fidalgo
Vereda da salvação
Il teatro comico
Como se come um homem
A torre em concurso
O homem e o cavalo
A escada de Jacó
Cervantina
O devoto
O príncipe rufião
Viva a Nau Catarineta
Os ossos do barão
Girança (II)
O último portal
Botanágua
A trupe da Paz
Senhora na Boca do Lixo
Zé das Cova e Dona Morte

Pirandello
Nicolai Gogol
Goëthe
José Luiz Ribeiro
Garcia Lorca
José Luiz Ribeiro
Augusto Boal
Naum Alves de Souza
José Luiz Ribeiro
William Shakespeare
Lauro César Muniz
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Sófocles
Molière
Jorge Andrade
Carlo Goldoni
S. Mrozek
J. Manuel de Macedo
Oswald de Andrade
José Luiz Ribeiro
Miguel de Cervantes
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Altimar Pimentel
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro

AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:
Prof. Maria Margarida Martins Salomão.

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura.

Aos que, durante esses 36 anos, perceberam que o teatro é expressão de cidadania e de resistência.

Aos profissionais dos meios de comunicação que acreditam que

“Mede-Se A Cultura De Um Povo Pelo Seu Teatro”
García Lorca